

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL  
 EDITOR: ADOLFO FIALHO  
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,  
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,  
 MAGDA CARVALHO,  
 MARIA DA LUZ CORREIA,  
 SUZANA CALDEIRA

OCTUBRO DE 2019 - Nº 23

# AGORA

JORNAL  
 DA FACULDADE  
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
 E HUMANAS  
 DA UNIVERSIDADE  
 DOS AÇORES

Página Facebook: [https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt\\_homepage\\_panel](https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178/?ref=aymt_homepage_panel) | Email: [agora.fcsh@gmail.com](mailto:agora.fcsh@gmail.com)

## Nota de abertura Porque o tempo não para...

O novo ano letivo ainda agora começou e a FCSH não perdeu tempo e já "navega em velocidade de cruzado". O AGORA foi conhecer as suas renovadas e inovadoras iniciativas.

Neste número, a rubrica *Agora* anuncia um cartaz repleto de filmes de animação produzidos e realizados segundo tradições cinematográficas distintas e a rubrica *Agora* partilha algumas das conclusões de um estudo feito por uma equipa de docentes da UAc interessados em compreender como os estudantes percebem e vivenciam a sua adaptação à Universidade.

Na *conversa escrita* deste mês, Carlos Amaral, docente da FCSH, falou-nos do seu ideal de Universidade enquanto lugar de liberdade.

Em *Agora é moda*, miramo-nos ao espelho, enquanto recebemos mais uma alfinetada nas nossas consciências. Fernando Ribeiro, em *Agora deu-me para isso*, convidou-nos a uma viagem por um lugar feito de cores perfumadas e sabores esquisitos. Em *Alumni*, Ana Rita Tavares, antiga aluna do curso de Psicologia, mostra-nos como o aprender nos faz (re)descobrir o sentido da vida.

ADOLFO FIALHO  
 DOCENTE DA FCSH

## Ágora

# Transição e adaptação ao Ensino Superior - o caso dos estudantes da UAc

A entrada para o Ensino Superior representa uma etapa na vida dos jovens repleta de desafios, razão porque tem sido alvo de investigação nacional e internacional. Na Universidade dos Açores (UAc), uma equipa que integra membros do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, do Centro de Estudos de Economia Aplicada do Atlântico e do Gabinete de Psicologia Escolar, Orientação e Supervisão (FCSH) - Suzana Caldeira, Osvaldo Silva, Áurea Sousa, Maria Mendes, Susana Botelho, Carla Rocha e Marta Martínez - desde há vários anos, tem procurado compreender como os estudantes percebem e vivenciam a sua adaptação à Universidade. As metodologias têm sido diversas, desde as mais estruturadas, através de escalas de avaliação ou inquérito por questionário, às mais abertas, através da recolha de testemunhos ou depoimentos. Genericamente, os resultados indicam que os estudantes da UAc valorizam o sentimento de pertença, sendo este um facilitador significativo da adaptação, enquanto uma das maiores dificuldades se situa no âmbito curricular. Relativamente ao sentimento de



ANDRÉ MENDONÇA

As primeiras experiências no ensino superior são decisivas no trajeto de vida dos estudantes, explica Suzana Nunes Caldeira

pertença, é a interação com os pares que ganha maior saliência, embora o relacionamento com todos os membros da Universidade seja relevante. Na interação com os pares, os estudantes percebem a praxe sem elevada atratividade, mas prevalece a opinião de que esta não é violenta. Os que aderem à praxe, na maioria, tendem a descrevê-la como um

conjunto de práticas "divertidas" e "facilitadoras" da integração. Uma minoria classifica-a como "desnecessária" e "estúpida". Algumas das dificuldades no domínio curricular alertam para a importância das aprendizagens curriculares prévias, do desenvolvimento de expectativas realistas, do conhecimento e uso de estratégias de aprendizagem e ges-

tão do estudo, e de uma maior comunicação entre instituições do ensino secundário e superior. Todos estes aspetos devem ser levados em consideração, pois as primeiras experiências no ensino superior podem decidir sobre a continuidade ou o abandono de um determinado trajeto de vida.

SUZANA NUNES CALDEIRA  
 DOCENTE DA FCSH

## Agora deu-me para isso

Fernando Ribeiro mostra-nos um lugar feito de cores perfumadas e sabores esquisitos

página 2

## Alumni

Ana Rita Tavares fala-nos da diferença que a UAc fez na sua vida

página 2

## Conversa Escrita

Carlos Amaral falou-nos do seu ideal de Universidade enquanto lugar de liberdade

página 3

## Agora

# O CINANIMA vai às Universidades Mostra de cinema de animação na UAc

O CINANIMA, Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho, conhecerá a sua 43.ª edição entre 11 e 17 de novembro do corrente ano de 2019. Mas tal evento, particularmente relevante no quadro das mostras de cinema de animação, será precedido por um conjunto de sessões durante o mês em curso, o de outubro, que decorrerão em dez universidades portuguesas, entre as quais a UAc. Nelas serão exibidos cerca de 50 filmes de animação, produzidos e realizados em geo-

grafias e segundo tradições cinematográficas distintas. Na UAc, as sessões, organizadas pela Profa. Leonor Sampaio e pelo Prof. Paulo Menezes, realizar-se-ão sempre numa Quinta-feira, a partir das 16:00, na sala D. 156 (conhecida como sala de audiovisuais) do Edifício das Ciências Sociais e Humanas. Já decorreram três sessões, nos dias:  
**10 de outubro:** filmes premiados no âmbito do CINANIMA 2018;



**17 de outubro:** filmes galardoados com os Prémios Émile para a Animação Europeia;

**24 de outubro:** filmes selecionados pela Academia de Belas Artes de Universidade de Zagreb como o melhor da animação croata.

A próxima sessão, a não perder, será no dia **31 de outubro** com um programa dedicado à animação portuguesa.

PAULO MENESES  
 DOCENTE DA FCSH

Agora deu-me para isso

# A transformação da terra em cores perfumadas e sabores esquisitos

**Fernando Ribeiro iniciou funções na Universidade dos Açores em 1977 e é o atual Coordenador de área da Biblioteca Arquivo e Museu da academia**

Enquanto viajante etéreo e sem forma padeci de uma não existência vulgar, monótona, incolor, inodora e insonora. Ao me cansar daquela viagem um acontecimento cósmico criador deu-me forma e colocou-me numa esfera chamada Terra, num determinado lugar que o Tempo me disse ser o da origem da Forma-Humana e, como todos os viajantes etéreos chegados àquele lugar, ao ve-

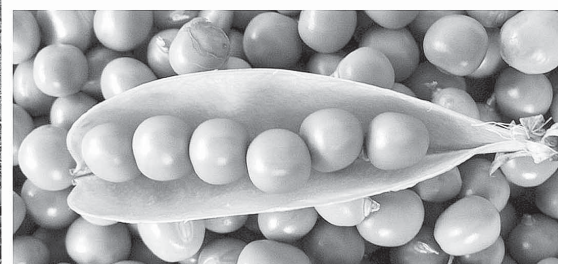
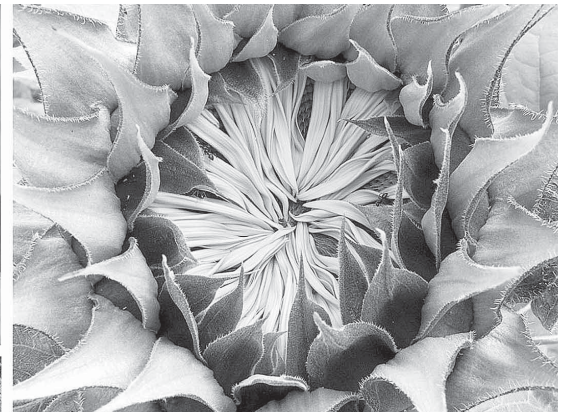
rem que do chão brotavam outras e diversas formas, coloridas e perfumadas, atreveram-se a tocar e gostaram do tacto... atreveram-se a provar e gostaram do sabor, e que um acontecimento cósmico criador os iluminou para a arte da sua multiplicação, então este viajante poderia também aprender aquela arte.

Este viajante cósmico, já maior que a poeira, ao ser incorporado pelos viajantes, descobre que há muitos caminhos a seguir e atreve-se a seguir e a praticar a arte da multiplicação vegetal. Quantas formas multicores, perfumadas e de bom gosto se escondem sob a poeira, que apreciam o trato que os humanos lhes dão e despontam quando o astro lunar sorri.

Sobre o apreciar o trato que os



Fernando Ribeiro partilhou com o AGORA o gosto de "praticar a arte da multiplicação vegetal".



humanos dão à arte da multiplicação vegetal foi descobrindo, durante a minha viagem de crescimento, em idas aos mercados/postos de venda, estas excentricidades que nos alimentam, extraordinárias formas comestíveis. Essa descoberta tornou-me num amador/tratador, vulgo agricultor, de abóbora, acelga, aipo, alecrim, alface, alho francês, batata

doce, beringela, beterraba vermelha, brócolo, cebola, cenoura, courgette, couve, erva-príncipe, ervilha, feijão verde, manjericão, pepino, pimento padrão, poejo, salsa, tomate, tomilho... quantas formas, quantas cores, quantos perfumes, quantos sabores!

Quando soprou o vento, faltou o facilitador de alimento ou o astro sol deu ânimo aos igualmen-

te apreciadores/ devoradores dos alimentos, a descoberta das formas, cujos nomes se descreveram, nem sempre correspondeu ao bom trato humano e ao sorriso lunar. Claro que houve desentendimentos entre os intervenientes, mas no fim todos disfrutaram da misteriosa, mas maravilhosa VIDA.

**FERNANDO RIBEIRO**  
 FUNCIONÁRIO DA UAC

## 20 anos depois...

No passado dia 5 de outubro, data em que se comemora o dia mundial do professor, reuniu-se aquela que foi a primeira turma de licenciatura em Ensino Básico - 1.º Ciclo nos Açores, para festejar o vigésimo aniversário da conclusão do seu curso. A noite começou com um animado e aconchegante jantar, no qual se recordaram os bons momentos passados. Reviveram-se antigas façanhas, do tempo em que surgiam os primeiros telemóveis, as fotos digitais eram uma coisa do futuro, se pintavam os cartões à mão e se montavam as fichas de trabalho com tesoura e cola.

Falou-se de tudo um pouco, das primeiras experiências de estágio, das 9 cadeiras por semestre, das diretas a planificar, das saídas de campo, da viagem de finalistas, das coisas que não mudam e das muitas peripécias com colegas e com professores que ficarão para sempre na nossa memória coletiva. E porque nem todos conseguiram marcar presença, ficou a promessa de se repetir a experiência para o ano, para que o tempo não apague a chama que se reacendeu neste grupo, que marcou a diferença na nossa academia.

**ADOLFO FIALHO** DOCENTE DA FCSH

DIREITOS RESERVADOS



Licenciados em Ensino Básico - 1.º Ciclo comemoram 20 anos de curso

## Alumni

### O caminho só se faz a caminhar

Chega o tempo em nos apercebemos que grande parte da nossa vida já passou: encaramos o que Somos face ao que podíamos Ser. Como se respirássemos de forma inconsciente até ali e, subitamente, percebêssemos que se deixarmos de respirar morremos. Foi o que me aconteceu na viragem dos 40 anos. Um tempo de crise, mas necessário para compreender o que tinha sido a minha vida e o que queria que fosse. Casei nova, por opção, e ao invés de investir numa licenciatura que possibilitasse realizar-me profissionalmente, deixei a vida encarregar-se disso. E a vida trouxe-me uma profissão que gosto, o que justifica o meu sonho manter-se adormecido tanto tempo. Aos 40 anos com três filhos e outro a caminho, com uma carreira de 20 anos, respondi ao apelo da Psicologia, contido na disponibilidade e vontade de me entregar aos outros e a pressa e desejo de encontrar a minha essência. A Universidade dos Açores acolheu o meu sonho dando-lhe alen-

to e realização, mas mais que isso, constituiu o maior impacto positivo da minha vida. Tomada a decisão, fui consistente, inicii em 2008 o que chamei a Construção do Significado da minha Existência. O tempo passado na Universidade dos Açores foi dos mais felizes da minha existência, o mais desafiante também, a aprendizagem em Psicologia ensinou-me a viver plenamente e a extrair o que tinha de melhor em mim. Podia referir a importância que tiveram os meus professores e o contributo dos meus jovens colegas, para que adquirisse sentimentos de pertença e cumprisse com sucesso os meus objetivos. Porém todos sabemos que a Universidade dos Açores se constituiu de bons mestres, de histórias e experiências, de partilhas de saberes e afetos entre alunos e professores. Prefiro sensibilizar os leitores para a importância de respirar, e referir que aprender é das melhores formas de nos sentirmos vivos. "Experimentamos situações, ad-



**Ana Rita Tavares é licenciada em psicologia pela UAC**

quirimos habilidades, testamos nossas emoções e nossos sentimentos na "escola" mais efetiva que há: a "universidade da vida" (Field, 2000). O ensino superior dá-nos outra visão do mundo e aponta caminhos alternativos: aguça a nossa ambição; desenvolve aptidões; agrega valor à trajetória profissional; ensina a evoluir e ser feliz. Ninguém sabe o sentido da vida se não o descobrir, a Universidade dos Açores possibilitou-me efetuar essa descoberta. Abraço de coração!

**ANA RITA TAVARES** ANTIGA ALUNA DA FCSH

Agora... o Professor Carlos Amaral

# “A Universidade que cultiva os saberes que libertam a condição humana”

Carlos Amaral, doutorado e agregado em Filosofia, Professor Associado da FCSH-UAç desde 2012, conversou com o Agora sobre o seu percurso académico, que, repartido entre a Filosofia e a Ciência Política, soma não só passagens por universidades de todo o mundo como uma cátedra Jean Monnet, concedida pela União Europeia em 2010. Atualmente Presidente da Comissão Pedagógica da FCSH-UAç, o docente e investigador açoriano falou-nos ainda do seu ideal de universidade enquanto lugar de liberdade.



Carlos Amaral, doutorado e agregado em Filosofia, Professor Associado da FCSH-UAç desde 2012, foi o primeiro açoriano a receber uma cátedra Jean Monnet

**Já ensina na UAç desde os anos 80. A insularidade é uma limitação?**

A insularidade nunca foi para mim uma limitação, constituindo, pelo contrário, uma oportunidade e um desafio de inserção no sistema nacional e, a partir dele, nos sistemas europeu e internacional de ensino superior. Trabalhar na UAç tem sido um privilégio.

**Realizou a sua Licenciatura em Filosofia e o seu Mestrado em Relações Internacionais nos EUA. Como foi esta experiência?**

Tive o privilégio de frequentar duas escolas norte-americanas de primeiríssima água, o Amherst College, na licenciatura, e a Fletcher School of Law and Diplomacy, no mestrado e na parte curricular do doutoramento - depois de, em Ponta Delgada, ter sido aluno do Liceu, da Escola Secundária Antero de Quental. Estas três grandes es-

colas catapultaram-me do Nordeste da ilha de São Miguel para o mundo, disponibilizando-me os instrumentos intelectuais que me permitiram transformar-me na pessoa e no profissional que sou.

**No seu percurso profissional, passou também por muitos outros países.**

Sim, o meu percurso profissional tem-me levado a Escolas, a Estudos e a organizações internacionais das duas margens do Atlântico: a Ocidente, ao Canadá e aos EUA, a norte, e ao Brasil, a sul, e a Oriente, a França, a Itália, à Alemanha, a Espanha, à Roménia, à Moldova e sim, até à Rússia. São experiências de docência e de investigação científica que muito prezo. Ultimamente, tenho vindo a investir com particular gosto no Conselho da Europa, em particular ao nível da autonomia regional e da democracia. E, de entre as minhas experiências mais gratificantes, su-

blinharia igualmente a colaboração com o Reino de Marrocos ao nível da autonomia política regional.

**Há quase dez anos, foi o primeiro açoriano a receber uma cátedra Jean Monnet...**

A atribuição por parte da Comissão Europeia de uma Cátedra Jean Monnet constitui um dos pontos mais altos da minha carreira. Traduzindo-se no reconhecimento do meu trabalho no âmbito dos Estudos Europeus, permitiu-me, também, criar unidades curriculares novas e acumular os recursos bibliográficos e documentais apropriados para o efeito, e até desenvolver um curso novo: a actual licenciatura em Estudos Euro-Atlânticos. Além disso, permitiu-me aceder à rede mundial de cátedras e à investigação científica nela desenvolvida.

**Tem participado ativamente na deliberação das políticas da UAç: foi membro do Senado, da Assembleia, do Conselho**

**Geral, Presidente do Conselho Pedagógico...**

Sim, terminando os estudos nos EUA, regressei aos Açores, por opção, pessoal, naturalmente, onde, depois de uma breve passagem pelo Governo Regional, ingressei na UAç pelas mãos do Senhor Professor Doutor José Enes. Desde então, o meu compromisso com a academia açoriana tem sido total. Assim se explica que jamais tenha negado servir a Universidade, o que me levou a ocupar a pluralidade de cargos que refere. Em todos eles, tenho-me movido, por princípios e procurado concretizar a ideia de Universidade que me anima.

**E que ideia é esta?**

A Universidade que cultiva as Artes liberais, os saberes que libertam a condição humana, permitindo a sua emancipação. Uma Universidade que, em vez de se confundir com uma escola de formação profissional, ou de se deixar enredar em exigências

burocráticas e administrativas, se centra na formação integral de pessoas, na cooptação de mestres e de estudantes para a produção de conhecimento, e no serviço à comunidade. Faço minha e procuro implementar nos Açores aquela que considero ser a mais nobre ideia de Universidade, entendida como comunidade apostada na liberdade e na disponibilização das condições que permitam a todos os que a procuram cumprir a característica mais maravilhosa da condição humana: a capacidade de nos forjarmos a nós próprios. A minha é a ideia clássica de Universidade, uma das mais interessantes invenções da nossa tradição civilizacional Ocidental, que encontrou em John Henry Newman, canonizado pelo Papa Francisco no passado dia 13 deste mês, um dos seus defensores e proponentes mais eloquentes.

MARIA DA LUZ CORREIA  
DOCENTE DA FCSH

Agora é moda

# O narcisismo

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PRÍ DA FCSH)



Miramo-nos ao espelho, enquanto recebemos mais uma alfinetada nas nossas consciências

Narciso morreu sem deixar filhos: o amor-próprio exige fidelidade absoluta. Apesar disso, a sua prole é extensa e multiplicou-se abundantemente nos últimos anos. O caso é sério e merece atenção.

Eis alguns dados científicos: a personalidade narcisista é dificilmente tratada pois os que sofrem dela não reconhecem ter um transtorno. Caracteriza-se por impressão exagerada de auto-importância, necessidade incessante de admiração (se houver bajulação, ainda melhor), excessiva preocupação com a aparência, atitudes pomposas e indiferença em relação aos outros, que só servem para empolar o ego.

Os sintomas impedem um desempenho profissional competente, pois tudo é sacrificado ao endeusamento de si. A arrogância leva frequentemente a com-

portamentos dramáticos, ao vício da ribalta, à intimidade com pessoas de status elevado e a ataques a outros como forma de auto-promoção.

O distúrbio não se restringe apenas aos miradores crónicos de espelhos. Os descendentes de Narciso pululam por todo o lado. São os que sabem tudo, têm sempre razão, falam alto, e criam expectativas grandiosas de poder. Não lidam bem com a crítica e só aparentemente são humildes, pois sempre procuram o elogio, o aplauso, a comoção lacrimosa pela ínfima partícula de pó que sacodem do ombro alheio.

Há uma espécie nova, fecundada pela realidade virtual. Estes estão nas redes sociais a berrar que vão eliminar todos os 'amigos' que não gostam, leem, comentam e partilham as suas publicações. Volta e meia ameaçam,

cobram reciprocidade, encenam uma tragédia à portuguesa - pois que vos mato a todos e fico só com os mais fiéis, os que nada mais fazem na vida além de me lerem, de me aplaudirem, de me enviarem corações e me darem o prémio de melhor pessoa, poeta, escritor, fotógrafo e leitor do mundo!

Uma vez o ego afagado pelo enxame de comentários e corações a zunir à sua volta (bzzz-bzzz, não faças isto, não me elimines, bzzz-bzzz, tenho estado ausente, mas não te esqueci, bzzz-bzzz), ei-los de volta, para mais uma temporada a mostrar como são lindos e maravilhosos.

Narciso definiu por excesso de auto-contemplanção. No tempo da imagem, estes definham por não serem vistos.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA  
 DOCENTE DA FCSH



Agora Veja

## Carreiros

Jorge Kol  
 Carvalho

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).

Agora é hora

# Apresentação do Doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares, com o Professor Onésimo Teotónio de Almeida

No dia 23 de outubro, a FCSH organizou uma sessão de apresentação do Doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares, que contou com uma intervenção do Professor Doutor Onésimo Teotónio da Almeida, sobre o tema "Literaturas Insulares: insularizar a literatura?"

Na sua intervenção, o Professor catedrático da Brown University e reputado especialista no estudo da literatura e da cultura açorianas, abordou várias questões em torno da literatura insular, refletindo sobre as especificidades da literatura açoriana num contexto de globalização, sobre o papel do mundo editorial na divulgação da literatura de cariz insular e deixando até algumas pistas de trabalho para os estudantes interessados por estas temáticas. Foi, para os estudantes e os visitantes que se deslocaram à Universidade dos Açores, uma oportunidade única para ouvir o autor de O Século dos Prodígios e de Minima Azorica (entre muitas outras publicações) partilhar generosamente o conhecimento produzido ao longo de uma carreira dedicada a refletir sobre a identidade e a cultura portuguesa e açoriana.

Estes são também alguns dos tópicos cujo estudo o Doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares entende promover. Trata-se de um curso criado pelo Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade dos Açores, que conta com 3 universidades parceiras: a Universidade da Madeira, a Universidade da Córsega e o INALCO- Université Sorbonne Paris-Cité. Este curso, que não tem componente curricular, oferece aos doutorandos a possibilidade de trabalhar com os docentes das 4 universidades parceiras, in loco ou à distância. Anualmente, está prevista a abertura de 5 vagas para cada universidade, podendo os candidatos ser provenientes de várias áreas das Humanidades. O leque de temáticas a trabalhar é também ele variado, incluindo a literatura e a cultura açorianas e da diáspora, o estudo de obras escritas por autores continentais sobre ilhas e insularidade, mas também estudos sobre os meios de comunicação, sobre a tradução, a arte, a linguística, etc. Para mais informações sobre o curso, contactar a diretora de curso (dominique.ar.faria@uac.pt)

DOMINIQUE FARIA DOCENTE DA FCSH

DIREITOS RESERVADOS



Professor Onésimo Teotónio de Almeida marcou presença na sessão de apresentação do Doutoramento em Literaturas e Culturas Insulares